



bruma marinha à costa de mil salinas

*kulumym – açu*

Mangue do Rio Siará-Mirim, bairro Vila Velha, Fortaleza/CE, Abya Yala

2019 / 2022

## Capítulo I – Rastros de uma cultura nômade

Nasci no dia 10 de maio de 1995, às cinco horas e 38 minutos da tarde, nos últimos raios de sol, com minhas perninhas de curumim viradas para o chão do mundo, sem esperar os médicos, como diz minha mãe. Minha mãe me deu à luz sem esperar ninguém porque eu não quis esperar ninguém, como ela já disse. Tive pressa. Fui registrado no cartório Jaime Araripe, avenida Mister Hull, 4965, no bairro Antônio Bezerra, em 12 de setembro de 1995, Fortaleza/CE.

No percurso do transporte alternativo, popularmente conhecido na cidade como topic, a topic de número 57 foi muitas vezes minha embarcação metálica, saindo do bairro Vila Velha em direção ao centro. São mais de oito quilômetros de trânsito. Inclusive, a avenida Mister Hull é um dos pontos principais de escoamento dos bairros da zona oeste em direção aos bairros centrais daqui. Ela dá acesso à avenida Bezerra de Menezes que desemboca, em seu fluxo, no Mercado São Sebastião.

O ano era 2019, tinha acabado de me formar no Curso Princípios Básicos de Teatro pelo Theatro José de Alencar e havia engatilhado outra formação no campo artístico com o Curso de Realização em Audiovisual pela Vila das Artes. Quando eu não ia pedalando de bicicleta, eu ia de topic 57. O percurso de bicicleta acompanhou mais a minha formação para chegar ao TJA. Já durante o curso de cinema ia quase sempre de topic mesmo. E eu sempre descia no Mercado São Sebastião, fazendo o resto do percurso a pé.

A cultura nômade da Pixação foi importante para me situar pelas andanças nessa cidade. A riqueza de uma contraestética das sombras nos orientou de sol à lua, grafou e nos grafa nos deslocamentos pela urbanidade da capital, do interior e até em outros estados do território nacional. Costumo pensar que a pixação é uma chave dentro das fechaduras em ruínas de uma cidade que cresce como Babel. Certo dia, Vampiro A.C. grafou “*Fortaleza, cidade triste*” no alto da caixa d’água da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Lá do alto dá pra ver a linha do horizonte sob o mar e seus limites longínquos. E, também, um dos motivos dessa tristeza tropical, parafraseando Isadora Ravena: uma *cidade loteada até o último centímetro quadrado*.

## Capítulo II – A ferrugem não nos ganharia

Os tons amarelo, azul-celeste e branco são descascados na parede de alguma moradia no extremo da costa oeste de Fortaleza. A maresia do mar e a salinidade do mangue compõem a passagem das vias por aqui, nos carregam nas varandas, nos abrigam enquanto pulamos do parapeito das raízes aeróbicas para dentro do Rio Siará-Mirim. Pular dos *olhos abertos das raízes de mangue*, como sente Maria Macêdo, nos lembra o quanto de crustáceo, anfíbio, réptil... somos. O corpo coberto por escamas, fora d’água, beirando ao asfalto, atravessando a ponte sob a foz do rio.

Histórias contadas em Fortaleza são as de que os dezessete molhes, popularmente conhecido como espigões que foram instalados ao longo da costa, desde a Barra do Ceará até o Serviluz; a construção do Porto do Mucuripe em 1939-1940; a sedimentação do aterro na Praia de Iracema; foram eventos que corroboraram para o avanço da maré nas praias depois do limite da costa oeste da capital. Em Icaraí, praia de Caucaia, região metropolitana de Fortaleza, o mar avançou, desde a década de 90, 300m da sua faixa de

praia, causando colapso nas edificações de uma Icarai turística e a mudança do comportamento das ondas marinhas, afetando a prática de surf e a realização de campeonatos de esportes aquáticos naquela enseada. O mar há de navegar as ruas da cidade, corroendo tudo que é de ferro. *“Adeus, adeus, só o nome ficou, adeus Praia de Iracema, praia dos amores que o mar carregou”*.

Nossa estratégia ao observar a história contemporânea do desenvolvimento da urbanidade ao longo da costa de Fortaleza é de sermos faróis com cabeça de fogo. Brisa Flow canta em *Languemchefe*, *“vi de longe você chegar...”* e eles chegaram com um modelo de desenvolvimento que sacrifica a terra em prol da propriedade, da terra como mercadoria. Mas o pôr do sol continua lindo na Barra do Ceará, eles não podem comprar o sol. As bandeiras de Gana e da Jamaica balançam no Reggae Club. Em alguma outra noite caribenha fortalezense, Geórgia Cardoso Anacé conta outras histórias para mim e para Bárbara Kariri em frente ao mar da Praia de Iracema.

No dia 3 de maio de 2022, o monumento conhecido como *“Iracema Guardiã”*<sup>1</sup> de autoria do artista sobralense Zenon Barreto (1918-2002), um dos cartões postais da cidade, tomba ao chão causando estrando e assustando quem passava por ali. A erosão, a maresia, a bruma marinha, os ventos fortes da costa do sal, corroem a modernidade e a ficção do mito de José de Alencar. O arco da gravura outrora foi furtado e a base de seu totem é constantemente pixada.

### Capítulo III – Corpografias a se demorar (2019/2020)

Foi me deslocando para o Valongo Festival Internacional da Imagem, em novembro de 2019, que me banhei no rio de *“O melhor da viagem é a demora”*, curadoria de Diane Lima. Durante a viagem para Santos/SP e estando dentro da comunidade temporária que se abre no espaço-tempo, desenhei algumas corpografias ao passo que sentia minha obra *“caos de maresia, uma estória de mangue”* dentro da exposição coletiva. Ao voltar a Fortaleza e, ainda mais, voltar ao mangue do bairro Vila Velha, minha maloca, minha morada à beira do Rio Siará-Mirim, comecei a grafitar esses seres ensaiados em corpografias pelas ruas do bairro.

Citados pelo fluxo de consciência do filme estão *“o passarim malandro pedala no invisível: +livros -prisão”*, *“quem foi pescador me ensinou a viver; remador”* e *“a maresia se transformou em uma baleia e me contou uma história”*. Penso que, pelas ruas de nosso bairro de mangue, pratiquei uma oralitura visual. No último grafite citado, a bandeira do Brasil está mais desgastada do que os portões de ferro que ficam erodidos pela maresia com a fluência dos dias em nossa comunidade. O desenho dessa bandeira foi içado em 2014. E ela nunca nos pertenceu, assim como os benefícios sociais prometidos pelo poder público ao gestar a Copa do Mundo de 2014, nunca chegou até nós. Pixada e rasgada várias vezes, chegou o tempo da baleia fazer do distópico berço esplêndido, o seu leito de sonho originário. Nossa bandeira real é invisível e é içada de fumaça na hora dos encantados, arreia.

Na confluência desses fazeres, outras duas pinturas faziam parte de um estudo em visual-materialidade denominado de *“PARE! as caixas de pizza tornaram-se portais!”* por onde eu pintava, sob a forma losangular da caixa de pizza, inscrições de seres ligados à vida encantada do mangue. Infelizmente, essa materialidade se perdeu por conta da

ausência deixada em minha casa. Tive que fazer êxodo urbano e voltar para o interior por uma grande temporada devido a pandemia do novo coronavírus. Não só a humanidade colapsou nesse tempo, como também a materialidade de papelão dessas pinturas foi colapsada ao mofo e à poeira.

#### Capítulo IV – Sereia do além-mar levou

No extremo da costa leste de Fortaleza, o Rio Cocó desemboca no mangue da Sabiaguaba. E lá nos tornamos ainda mais consciência sobre a camboa, maternidade-escola da fauna em uma foz, lugar de leito no mangue onde os peixes, os crustáceos, os anfíbios, os répteis... se reproduzem e se alimentam. Roniele Suíra, parente precioso e liderança daquela comunidade pesqueira, nos contou em alguma ocasião sobre o berçário de Dona Vilma, território sagrado de um território em retomada originária.

Em 2019, eu fazia parte da primeira formação da Coletiva Negra, e na época pesquisávamos “*Além-mar*”, um imaginário navegado nas memórias das travessias do Oceano Atlântico para dentro do Ceará e do sertão para o litoral do estado, feitas por populações que foram retiradas de sua natividade ou se tornaram retirantes, dentro do processo de racialização de povos inteiros catapultados a andar como um só.

Em Além-mar, uma dramaturgia pesquisada na corpogravura dos arquivos de memórias material e oral de nossas famílias, gerou atuação propositiva a partir da memória coletiva de um acontecimento cênico que entoasse contos, cânticos, gestos a partir das histórias de Pedra, minhas, Amandyra, Viúva Negra, Victor e Gabi. Na ocasião dos registros, Amandyra e Ilton dançam com o Rio Cocó ao fundo, depois de mergulhamos, por um dia inteiro, em derivas no mangue da Sabiaguaba. Inatekié a cada uma pelas aprendizagens.

#### Capítulo V – Minha família é meu farol de embarcação

Nasci no dia 10 de maio de 1995, às cinco horas e 38 minutos da tarde, nos últimos raios de sol, com minhas perninhas de curumim viradas para o chão do mundo, sem esperar os médicos, como diz minha mãe. No dia 10 de maio de 2021, fomos para a praia de Iparana, Caucaia/CE, para tomar banho de mar. Fazem parte dessa memória meu pai Ronaldo, minha mãe Noelia, minha irmã Akwa, meu irmão Roni, minha cunhada Aline e Bia, minha companheira. Dia 10 de maio é a data que faço aniversário e essa presentificação foi o melhor acontecimento que eu poderia receber das pessoas que amo.

As sete arraias estão suspensas na varanda de casa, com o grafite “farol de embarcação” ao fundo. Pixação + Grafite + Rito da Arraia fossilizam nossa vida dentro do esqueleto de uma cosmografia originária. Cada Arraia dessa foi um presente para sete curumins distintos do meu bairro. Esse rito para mim é sobre renascimento, culto a boa morte, celebração dos cortes, brinquedo precioso da tempografia dos ventos. Uma prática que envolve toda uma comunidade, na verdade, toda uma culumindade – coletivo de crianças quando elas se juntam para brincar. Esse brinquedo, em outros lugares conhecido como pipa, aqui é nosso ser marinho que, ao voar, transforma o céu em mar.

- 
1. Leia mais em: <https://www.opovo.com.br/vidaarte/2022/05/03/como-a-queda-da-estatueta-iracema-guardia-afeta-o-debate-sobre-a-arte-publica.html>